



17 de abril de 2010

Ano 5 - edição 240

Grandes Iniciados

Símbolos - A Polêmica

na Folha - Dica - Medite

Documentos e Fotos Antigas

Eureka

Robson de Barros Granado

Loja Maçônica Stanislas de Gualta 165 - GLMERJ

contatos: folhamaconica@gmail.com

GRANDES INICIADOS



Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon

Primeiro imperador do Brasil e 28º rei de Portugal

1798 - 1834

Dom Pedro I - Príncipe Regente, nascido no Palácio de Queluz, nos arredores da cidade de Lisboa. Foi o primeiro imperador do país. Proclamou a Independência do Brasil, no dia 7 de setembro de 1822. Em 1824, outorga a primeira Constituição brasileira.

Recebeu os títulos de infante, grão-prior do Crato, príncipe da Beira, príncipe do reino unido de Portugal, Brasil e Algarves, príncipe regente do reino unido de Portugal, Brasil e Algarves além de primeiro imperador do Brasil, como **D. Pedro I**, de 12 de outubro de 1822 a 7 de abril de 1831, e ainda 28º rei de Portugal (título herdado de seu pai, D. João VI), durante um período de sete dias (entre 26 de abril e 2 de maio de 1826), como **D. Pedro IV**.

Em Portugal é conhecido como *O Rei-Soldado*, por combater o irmão D. Miguel na Guerra Civil de 1832-34 ou *O Rei-Imperador*. É também conhecido, de ambos os lados do oceano Atlântico, como *O Libertador* — *Libertador* do Brasil do domínio português e *Libertador* de Portugal do governo absolutista.

D. Pedro I abdicou de ambas as coroas: da portuguesa para a filha D. Maria da Glória e da brasileira para o filho D. Pedro II. D. Pedro I era o quarto filho (segundo varão) do rei D. João VI e de sua mulher, Carlota Joaquina de Bourbon, princesa de Espanha, primogênita do rei espanhol Carlos IV de Espanha. Tornou-se herdeiro depois da morte do seu irmão mais velho, Francisco de Bragança (1795 - 1801).

SÍMBOLOS

ה י ה ה

O **Tetragrama**, que aparece milhares de vezes nas escrituras sagradas, era um nome muito conhecido, até a época de Jesus Cristo. Contudo, com a passar do tempo, o significado fonético se perdeu. Para alguns estudiosos da literatura judaica, esse que deveria ser o **Nome de Deus** seria impronunciável, e segundo a explicação religiosa dos judeus, passaram a não pronunciar o nome do Deus Todo Poderoso, porque sentiam-se temerosos em transgredir o terceiro mandamento no Decálogo, que diz: – “*Não tomarás o nome, YHVH, de teu Deus, em vão.*”

Assim, em determinado período, surgiu entre os judeus a idéia de que era pecado até mesmo pronunciar o **Tetragrama YHWH**. Não se sabe exatamente em que se baseou a descontinuidade da pronúncia do Nome de Deus. Alguns sustentam que o nome passou a ser considerado sagrado demais para ser proferido por lábios impuros.

Segundo a Cabala Judaica, a **Torá** teria sido revelada a **Moisés** no alto do **Monte Sinai**, e ele teria registrado de forma escrita aquilo que só poderia ser entendido se ouvido o que foi dito diretamente por Deus, garantindo assim que permanecerá impronunciável.

Mas, uma pesquisa no **Velho Testamento** revela evidências de que quaisquer dos adoradores do Deus de Israel, YHWH, naquela época, não hesitavam em proferir o Seu Nome. Além disso, documentos hebraicos não-bíblicos, tais como as chamadas *Cartas de Laquis* escritas em fragmentos de cerâmica - encontradas em *Tell ed-Duweir*, em 1935 - mostram que o Tetragrama YHWH era usado na correspondência comum, na Palestina, na última parte do Século VII a.C., tendo em todas as cartas legíveis, expressões como: "*Que YHWH [Javé ou Jeová] faça que meu senhor ouça hoje mesmo notícias de paz.*" *Lachish Ostrakon IV, Ancient Near Eastern Texts, p. 322.*

Estudos revelam que apenas em *cópias posteriores* da **Septuaginta Grega**, datadas do final do Século I d.C. em diante, os copistas cristãos começaram a substituir o **Tetragrama YHWH** por **Kýrios**, que significa SENHOR (em letras maiúsculas) e por **Theós**, que significa Deus. Foi devido a isto, a razão do Tetragrama YHWH ter desaparecido no texto do **Novo Testamento**.

Apesar da discussão sobre sua origem e significado, muitos afirmam que os sons vocálicos originais do **Tetragrama YHWH** jamais serão conhecidos, estando perdida a pronúncia original para sempre.

Trecho de Peça de Arquitetura do Irmão Artur Albuquerque Silva Filho, Comp.´. Maç.´. da Loja Stanislas de Guaita, 165 - GLMERJ

A POLÊMICA NA FOLHA

Coluna assinada pelo M.-. I.-. Aquilino R. Leal, Fundador Honorário da Aug.-. e Resp.-. Loj.-. Maç.-. Stanislas de Guaita 165 (o conteúdo da coluna é de inteira responsabilidade do Irmão Aquilino R. Leal)

AS TREVAS... A LUZ¹

Fato: Imaginemos um campo deserto, mergulhado na escuridão, com muitos seres vivos aí se atropelando cegamente.

Estarão, naturalmente, aterrorizados e enquanto andam para lá e para cá, sem se reconhecerem uns aos outros; durante a noite, haverá freqüentes aborrecimentos e solidão. É deveras um lamentável espetáculo.

Imaginemos, então, que, de repente, um homem superior apareça com uma tocha na mão, e que tudo nesse campo se torne claro e brilhante.

Os seres vivos que se encontram na obscura solidão, sentem, de repente, um grande alívio, quando olham ao seu redor e podem reconhecer uns aos outros, retornam alegremente a desfrutar de sua camaradagem.

Conclusão: Pelo campo deserto deve-se entender o mundo da vida humana quando está mergulhado nas trevas de

¹ Extraído de A DOCTRINA DE BUDA, publicado por Bukkyo Dendo Kyokai (fundação para propagação do Budismo).

ignorância. Aqueles que não têm a luz da sabedoria em suas mentes perambulam na solidão e no temor. Nasceram sozinhos e sozinhos morrerão; eles não sabem como se associar aos seus semelhantes em tranqüila harmonia, e são naturalmente desesperados e temerosos.

Um homem superior com a tocha é o Buda, assumindo a forma humana, e que com Sua Sabedoria e compaixão ilumina todo o mundo.

Com esta luz os homens se encontram uns aos outros e se sentem felizes em estabelecer o companheirismo e harmoniosas relações.

“A solidão não existe para o intelectual, para o homem que pensa e lê. Todos podem temê-la, menos ele, o homem habituado a encontrar dentro de si o mundo.” (José Brito Broca [1903-1961], crítico literário e escritor paulista)



O M.: I.: Aquilino R. Leal é colaborador permanente da Folha Maçônica.

POLÊMICA NA FOLHA. Na próxima semana **OS DEZ PASSOS PARA FREQUENTAR UMA LOJA SEM PAGAR TAXAS:** Uma simples seqüência de procedimentos para frequentar uma Of.: sem qualquer ônus! E sem responsabilidade de assíduo comparecimento!

DICA

Tabuada e seu canto

Tenha acesso às pesquisas do Irmão Ivan Tabuada, agora disponibilizadas no *site* administrado pelo Irmão Aquilino R. Leal:

http://www.4shared.com/dir/36888937/ce263ee4/TABUADA_E_SEU_CANTO.html

Livro: Pelos caminhos da Bíblia: uma viagem através do antigo testamento

(FEILER, Bruce. Pelos Caminhos da Bíblia – Uma Viagem Através do Antigo Testamento. Editora Sextante. Rio de Janeiro, 2002. Páginas 21 e 22)

Citação:

“Na história da humanidade, a civilização chegou relativamente tarde. Durante a maior parte de seu tempo na terra, os seres humanos vagavam em bandos migrantes que caçavam e coletavam alimentos. Esse período, a Idade da Pedra Lascada, teve início há cerca de três milhões de anos e continuou até aproximadamente 15.000 a.C. Um período posterior em que havia vida comunitária, estendeu-se por mais ou menos outros cinco mil anos. A maior mudança, ... ‘a mais importante revolução da História’, ocorreu por volta de 9.000 a.C. com o advento da agricultura. Essa mudança partiu da Mesopotâmia, na região dos atuais Iraque e Turquia, onde as populações de então

começaram a fazer experiências com o cultivo do trigo e da cevada. Como essas experiências foram bem sucedidas, os fazendeiros passaram a buscar maneiras de expandir a produção para alimentar mais pessoas. Para tal, precisavam de sistemas de irrigação eficientes, o que os levou a utilizar seu maior recurso: o Tigre e o Eufrates.”

“Os rios garantiam um fornecimento constante de água e, sobretudo, uma inundação anual que cobria o deserto com um solo arável. As inundações da Mesopotâmia e do Egito eram tão extraordinárias para aquela região – onde, caso contrário, predominaria a aridez -, que, juntos com as regiões montanhosas banhadas por chuvas frequentes das atuais Síria e Israel, estes lugares formaram a incubadora da civilização, o Crescente Fértil, um berço de produtividade rodeado por um mar de areia. Os rios, além disso, incentivavam as pessoas a ficarem em um lugar só e se organizarem, obrigando-as a cavar canais, assar tijolos e construir arados.”

“Com milhares de canais servindo a milhares de pessoas, a única forma de manter essa rede crescente foi através do desenvolvimento de um sistema igualmente elaborado de leis, de escolas, de comércio: a civilização.”

“Em pouco tempo, os núcleos individuais de civilização começaram a lutar entre si. Para sobreviver, as nações vitoriosas anexavam os territórios dos vizinhos aos seus.”

Surgiram impérios. O primeiro deles, a Suméria, na Baixa Mesopotâmia, foi rapidamente sobrepujado pelos de Acad e da Assíria, também na Mesopotâmia, e enfim pelo do Egito. O inevitável choque entre esses titãs produziu uma combustão que iria transformar o Crescente Fértil em um motor de criatividade sem precedentes, dando ao mundo pela primeira vez a poesia épica, um conjunto formal de leis, os provérbios religiosos e a palavra escrita.”

MEDITE

Evolução dos costumes

Tanta coisa boa se perdeu com a evolução dos costumes.

Na minha época de mil novecentos e antigamente, as ruas tinham bondes, que apesar de não muito confortáveis nos levavam e traziam com fidelidade.

Havia ônibus como na Inglaterra, com 2º andar, a Light, com estação terminal, ali nos Arcos da Lapa.

Os bondes e os ônibus tinham pôsteres com indicações de remédios, populares, mas que funcionavam.

Um dos anúncios me salvou do vício do fumo, apesar de eu pertencer a uma família de fumantes, daqueles que achavam que fumar era símbolo de masculinidade.

O anúncio, com ilustrações da época, dizia: "sofres de bronquite e tens tosse porque queres, fuma cigarros de canabis sativa, Granado, e terás alívio."

Quando um médico, a quem devo a vida, do antigo Hospital Hanemaniano, sugeriu ou receitou-me aquela panacéia, sofri o diabo, pois o cheiro daquela carteira de cigarros fedia a esterco de burro ou cavalo e ficava pior quando se acendia um cigarro.

Lembrava-me o cheiro, lá na roça, do esterco daqueles animais no terreiro da casa para espantar borrachudos e muriçocas.

Não consegui fumar-los e não adquirei o vício do tabagismo, por osmose.

Hoje, fumar canabis é crime, que alimenta os bolsos dos traficantes e daqueles que combatem os usuários.

As revistas citadas foram precedidas por outras, que minha mãe e parentas compravam e traziam também muitos conselhos, que se fossem lidos hoje por nossas companheiras de vida as matariam de riso.

Eu, como gostava de desenho admirava as ilustrações feitas por Riyan, cartunista admirável, que era Nayr de Tefé, viúva do marechal Hermes da Fonseca, que vim a conhecer já no fim da sua existência, simpática, magrinha, um fiapinho de mulher, que tivera a coragem de casar-se com um militar da antiga.

Estou prestes a conversar com o Grão-Mestre Supremo desta existência e levo-lhe a mágoa, destes tesouros e outros da minha vida não irem comigo para o além.

Sou do tempo que não havia a Comlurb com seus mega caminhões barulhentos, e sim simpáticos burrinhos que filosofavam sua rinação, parando de porta em porta, sem ninguém a comandá-los, para que um funcionário, não sei de que repartição, recolhesse o lixo das residências.

Nos lugares distantes, onde não havia rede de esgotos, havia também outro filósofo, que na sua carreta tinha tinas onde eram despejados os urinóis ou baldes com o produto das ablações do dia e noite anterior.

Crimes, sim, sempre os teve. Eram objeto de comentários do meu avô que, ao ler o jornal, sempre filosofava: "o corajoso sempre é morto por um covarde, o galã sempre é morto por um corno e a mulher por um marido ou amante decepcionado com ela".

Tenho mais coisas de mil e antigamente, mas fica para depois, se houver tempo.

Irmão Luciano Fernandes

DOCUMENTOS E FOTOS ANTIGAS



O selo mostra um feixe de trigo (um dos símbolos do comunismo) sobreposto a uma cruz com ornamentos (similar ao símbolo anti-maçônico dos outros selos da série) com uma ponta inferior destruindo a estrela vermelha de 5 pontas do comunismo, junto com a foice e o martelo.

EUREKA (TUREKA E NÓSREKA)

Contestações, lances, bobagens, respostas, estudos, credices, variados, 'nósticias' fatos, curiosidades, sofismas, perguntas, humor, nostalgia, outros e... nós!

Curiosidades sobre a Copa do Mundo de 2006²



Pela segunda vez a Alemanha foi o país-sede (a primeira vez foi no ano de 1974 - Alemanha Ocidental), e o único pré-classificado.



Pela primeira vez na história do campeonato, o campeão do torneio anterior (no caso, o Brasil) precisou disputar as eliminatórias para poder defender o direito de participar no torneio.

² Extraído da Revista Maçonaria Brasil, de julho de 2006 – Edição 7 e complementado por Aquilino R. Leal.



Trinta e dois países participaram da Copa de 2006, cuja final foi no dia 9 de Julho. A decisão de confiar à Alemanha a organização do torneio foi controversa, já que se esperava que o campeonato ocorresse na África do Sul. Os outros países candidatos à organização eram Inglaterra, Marrocos e Brasil.



A África do Sul abrigará os jogos da Copa do Mundo de 2010. A Copa do Mundo de 2014 será realizada na América do Sul e o Brasil foi o País Escolhido para sediar esta Copa.



A Copa do Mundo (ou Campeonato Mundial) de Futebol de 2006 realizou-se na Alemanha e foi vencida pela Itália.



Pela primeira vez na história da Copa do Mundo, três países lusófonos estiveram presentes (Portugal, Angola e Brasil). E foi a primeira vez, também, que a Concacaf teve quatro representantes (EUA, México, Costa Rica e Trinidad e Tobago), o mesmo número de América do Sul e Ásia.



O dia 13 de junho marcou a estréia da seleção do Togo em Copas do Mundo. No cerimonial do jogo contra a Coreia do Sul, após a execução do hino coreano, em vez de tocar o hino togolês, ocorreu um engano e o que se ouviu foi, novamente, o hino da Coreia. A FIFA se desculpou oficialmente e classificou a gafe como 'erro humano'.



Além de Carlos Alberto Parreira, outros quatro técnicos da Copa do Mundo eram brasileiros: o da seleção da Arábia Saudita, Marcos Paquetá; Luiz Felipe Scolari, de Portugal; Zico, comandando o Japão; e Alexandre Guimarães, com a Costa Rica.



Outra coincidência: Gana, adversária de Brasil nas oitavas-de-final, foi a primeira seleção que Carlos Alberto Parreira dirigiu. A estréia do técnico da Seleção Brasileira aconteceu no país africano em 1967.



Mas não são só os técnicos que atuam em outras seleções que tiveram o coração dividido. Os brasileiros Marcos Senna, naturalizado espanhol, e Alex Santos, naturalizado japonês, disputaram a Copa pelas seleções de suas novas pátrias.



Os brasileiros costumam dar sorte às seleções portuguesas. Com a vitória de 1 a 0 sobre a Holanda no dia 25 de junho, Portugal, dirigida por Luiz Felipe Scolari, classificou-se para as quartas-de-final. Isso não acontecia há 40 anos, quando era comandada pelo também gaúcho Oto Glória.



Colaboração do M.:l.: Aquilino R. Leal, Fundador Honorário da Aug.: e Resp.: Loj.: Maç.: Stanislas de Guaita 165

Contatos para: folhamaconica@gmail.com

Visite nosso blog: <http://folhamaconika.blogspot.com/>

Baixe as edições antigas da Folha em: <http://SITIO-FOLHA-MACONICA.4shared.com/>

Os irmãos podem enviar colaborações para o sítio da Folha Maçônica